

CADERNOS 30

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Clássicos greco-latinos traduzidos por mulheres no Brasil

Se a virtude pode ser ensinada, de Plutarco: tradução e comentário

Maria Aparecida de Oliveira Silva¹

Resumo: Esta é a primeira tradução em língua portuguesa no Brasil do brevíssimo tratado plutarquiano intitulado *Se a virtude pode ser ensinada*. Notamos que os conceitos citados por Plutarco encontram paralelo no pensamento platônico, em especial no diálogo *Mênon*. Nesse tratado, Plutarco reflete sobre a importância do ensino e do aprendizado da virtude. Sob essa perspectiva, Plutarco coloca em discussão se é possível ensinar a prudência, a justiça e o bem viver (439A) do mesmo modo que é feito no aprendizado dos ofícios e das demais artes (439B).

Palavras-chave: Plutarco; virtude; neoplatonismo; educação antiga.

Abstract: This is the first Portuguese translation in Brazil of the very brief Plutarchan treatise titled *Whether Virtue Can Be Taught*. We note that the concepts cited by Plutarch parallel Platonic thought, especially in the *Meno* dialogue. In this treatise, Plutarch reflects on the importance of teaching and learning virtue. From this perspective, Plutarch discusses whether it is possible to teach prudence, justice and good living (439A) in the same way as is done in the learning of crafts and other arts (439B).

Keywords: Plutarch; virtue; neoplatonism; ancient education.

1 Professora colaboradora e líder do Grupo CNPq LABHAM/UFPI. Pesquisadora do Grupo Heródoto -UNIFESP e do Tâphos – MAE/USP. Pesquisadora do Grupo CNPq Linceu – Unesp/Araraquara e do Grupo Retórica da Universidad de Cádiz. Tradutora de Plutarco e Heródoto.

Introdução

Plutarco escreveu o tratado *Se a virtude pode ser ensinada* (Εἰ διδακτὸν ἡ ἀρετή) por volta de 115 a 120 d.C., período em que, segundo Jones (1966, p. 61), grande parte de sua vasta obra foi concebida. Em diversos tratados, o autor aborda o tema da virtude sob diferentes perspectivas², e neles conclui que o aprendizado da virtude é essencial para a formação do caráter. Então, busca responder à seguinte questão: é possível ensinar a prudência, a justiça e o bem viver? (*Se a virtude pode ser ensinada*, 439A). Desse modo, ele expressa três traços de caráter que entende serem constitutivos da virtude: o ser prudente, justo e hábil no bem viver.

A pergunta proposta por Plutarco remete-nos à feita por Sócrates no início do diálogo *Mênon*, conforme lemos a seguir:

{MEN.} Ἔχεις μοι εἰπεῖν, ὦ Σώκρατες, ἄρα διδακτὸν ἡ ἀρετή; ἢ οὐ διδακτὸν ἀλλ' ἀσκητόν; ἢ οὔτε ἀσκητόν οὔτε μαθητόν, ἀλλὰ φύσει παραγίνεται τοῖς ἀνθρώποις ἢ ἄλλῳ τινὶ τρόπῳ;

{Mên.} Sabes me dizer, Sócrates, a virtude pode ser ensinada? Ou não pode ser ensinada, mas praticada? Ou nem praticada nem aprendida, mas, por natureza cabe à sorte aos homens ou por algum outro modo? (PLATÃO, *Mênon*, 70a.1-4).³

Vemos que a inquietação socrática tocou o pensamento de Plutarco e o levou a compor um breve ensaio cuja questão basilar é responder se a virtude pode ser ensinada, assim como se ensina um ofício ou uma arte. Em estilo socrático, Plutarco elabora perguntas ao seu leitor/ouvinte⁴:

Os homens aprendem a tocar um instrumento, a dançar, a ler as letras, a trabalhar a terra e a cavalgar; e o que é impressionante? Eles aprendem a calçar-se e a vestir-se, e lhes ensinam como servir o vinho e a preparar seu alimento; não é possível fazer isso proveitosamente sem aprendizado, por

2 Como aponta Opsomer (2011, p. 164), a concepção plutarquiana de virtude aproxima-se da proposta de Platão, ou seja, uma virtude prática, voltada para as ações, não somente para a reflexão ou contemplação.

3 Doravante, as traduções citadas são de nossa autoria.

4 Consideramos que Plutarco utilizava seus escritos morais para lecionar Retórica e Filosofia para gregos e romanos de Roma e do sul da Itália. Desse modo, os tratados morais plutarquianos eram ouvidos em suas leituras e lidos por outros que podiam comprar seus manuscritos por meio dos copistas que havia no Império Romano.

causa dele existe tudo isso, que é o bem viver; mas isso é possível sem aprendizado, sem razão nem habilidade, de modo espontâneo? (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439B-C).

Plutarco observa que, em diversas áreas da vida, desde a música até a agricultura, os cidadãos são educados por mestres que lhes transmitem conhecimentos e habilidades. No entanto, quando se trata da formação da virtude, parece haver uma ausência de mestres ou métodos eficazes. O autor expressa surpresa e frustração ao avaliar que, enquanto artesãos⁵, músicos e agricultores produzem trabalhos incontáveis e refinados, a cidade falha em produzir cidadãos de caráter irrepreensível e vida virtuosa (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439A-B). A divisão proposta por Plutarco mostra sua percepção de que as atividades manuais se desenvolvem pela ação através da imitação, enquanto as atividades de comando operam melhor com a educação de seus comandantes⁶. Embora a natureza possa ocasionalmente produzir algo belo por si mesma, este frequentemente se obscurece ou se corrompe por elementos alheios⁷; como exemplo, Plutarco constrói um símile entre a pureza da virtude e um grão puro misturado a plantas selvagens e impuras (439B).

Se a virtude, tão essencial ao bem viver, pode ser cultivada por meio de aprendizado e prática, ou se é algo que surge espontaneamente e sem a necessidade de uma educação específica, é uma questão fundamental, uma vez que, se reconhecemos que a virtude pode ser ensinada, atestamos sua existência. Platão é citado para ilustrar que não são pequenos erros ou discordâncias que causam conflitos entre irmãos, amigos ou cidades, mas sim a ausência de virtude. Desconhecer o manejo de instrumentos musicais ou ferramentas não causa grande dano, porém, sem o devido aprendizado, a capacidade de administração de um cidadão é prejudicada, o que acarreta desastres privados e públicos (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439B-C).

5 Frazier (2011, p. 316) reflete sobre a mimesis do artesão e a moral dos aristocratas em Plutarco. A autora identifica sua relação com a ideia platônica de que os artesãos praticam uma mimesis inferior, pois a mimesis superior é a destinada aos seus leitores/ouvintes, por ser uma mimesis moral.

6 A educação era privilégio da aristocracia na Antiguidade. Na biografia de Demóstenes, por exemplo, Plutarco conta que o orador ateniense perdeu o pai aos sete anos e foi criado por tutores que dilapidaram os seus bens. Em razão disso, Demóstenes não recebera a educação que cabia a um aristocrata. (*Vida de Demóstenes*, 4.2-3).

7 Xenophontos (2012, p. 164) utiliza o exemplo de Fábio Máximo, que é comparado a Péricles nas *Vidas paralelas*, para demonstrar que Plutarco constrói um modelo ideal de general pautado na moral, uma vez que a vitória no campo de batalha não acontece por causa da habilidade estratégica de seu biografado, mas sim por sua virtude, nas escolhas que seu arcabouço ético o levou a tomar.

Plutarco critica quem considera a virtude algo espontâneo, que prescinde de aprendizado. Anedotas sobre Diógenes e Aristipo são usadas para destacar a importância de ensinar desde cedo como se comportar corretamente em sociedade. Sobre o uso das anedotas envolvendo filósofos, Russell (1968, p. 144) afirma que são expedientes da arte retórica constantemente utilizados nos tratados plutarquianos e que têm como finalidade sustentar seu argumento. Diógenes, por exemplo, pune o pedagogo de um menino por não lhe ensinar boas maneiras à mesa, pois a responsabilidade pelo comportamento inadequado do menino reside na falta de uma educação apropriada (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439D-E). Já Aristipo, ao ser questionado sobre sua constante presença em diferentes lugares, ironiza sobre a necessidade de receber-se orientação correta, enfatizando que, sem aprendizado, até mesmo as tarefas mais básicas, como viajar de barco, podem levar alguém à ruína (439F).

O autor argumenta que, assim como as artes militares exigem treinamento rigoroso, a virtude também necessita de orientação adequada. A menção a Ifícrates e sua conversa com Cálías ilustram a irracionalidade de considerar a estratégia militar como algo que pode ser aprendido, enquanto a prudência é deixada ao acaso (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 440B). Portanto, a virtude é essencial para o bom funcionamento de todas as artes e ofícios. Sem a prudência, que é guia e ornamento de todas as virtudes, qualquer habilidade perde sua utilidade e eficácia. A verdadeira educação deve começar na infância, moldando tanto o corpo quanto o caráter das crianças, assim como as amas de leite moldam seus corpos. Um exemplo disso é a resposta de um lacônio sobre os benefícios dos pedagogos, afirmando que eles fazem coisas belas e prazerosas às crianças, indicando que a educação deve ser agradável e benéfica desde cedo (PLUTARCO. *Se a virtude pode ser ensinada*, 439F).

Da tradução

O texto grego que serviu de referência à presente tradução foi editado por Max Pohlenz no terceiro volume de *Plutarchi Moralia*, em Leipzig, e reimpresso pela Teubner em 1972 com o título *An virtus doceri possit* nas páginas 123–127. Dada a brevidade do tratado, alguns estudiosos levantam a hipótese de que o texto esteja incompleto. Porém, entendemos que o texto segue o aspecto aporético do diálogo platônico no qual claramente se inspira: *Mênon*. É interessante perceber que a preocupação plutarquiana com quem está preparado para ensinar a virtu-

de é a mesma expressa por Platão em seu diálogo *Mênon*, que, por sua natureza aporética, não traz a resposta para essa questão. Nesse sentido, Plutarco segue seu mestre, coloca a questão, suscita reflexões, mas não oferece uma resposta conclusiva. Roskam (2011, p. 209) chama a atenção para o fato de Plutarco destacar o choque entre ideais filosóficos e pragmatismo político, que as *Vidas* de Plutarco são geralmente caracterizadas por uma abordagem problematizadora que mostra um interesse notável em dilemas éticos, mas que prefere levantar questões a respondê-las, bem ao estilo platônico.

A tradução do texto seguiu a sintaxe grega na medida em que a versão em língua portuguesa se torna inteligível e fluente. Já as passagens cuja compreensão literal do grego se fazem ininteligíveis e de difícil compreensão ora receberam notas explicativas ora foram aproximadas ao nosso código linguístico com expressões conhecidas em nosso tempo. Os conceitos relacionados com a educação grega, ou à *paideia*, seguem os utilizados por Platão, uma vez que Plutarco retoma o diálogo estabelecido por Sócrates para discuti-lo com base nas inquietações de seu tempo.

ΕΙ ΔΙΔΑΚΤΟΝ Η ΑΠΕΘΗ

SE A VIRTUDE PODE SER ENSINADA

1

1

439A Περί τῆς ἀρετῆς βουλευόμεθα καὶ διαποροῦμεν, εἰ διδασκτόν ἐστι τὸ φρονεῖν τὸ δικαιοπραγεῖν τὸ εὖ ζῆν⁸· εἴτα θαυμάζομεν, εἰ ῥητόρων μὲν ἔργα καὶ κυβερνητῶν καὶ ἀρμονικῶν καὶ οἰκοδόμων καὶ γεωργῶν μυρί' ἐστίν, **439A** Sobre a virtude, deliberamos e levantamos uma questão, se é possível ensinar a prudência, a prática da justiça e o bem viver⁸; depois, ficamos admirados que as obras dos oradores, timoneiros, músicos, arquitetos e camponeses são incontáveis,

8 No parágrafo 439C, Plutarco grafa τὸ εὖ βιοῦν (*tò eú bioûn*), enquanto neste escreve τὸ εὖ ζῆν (*tò eú zên*), que traduzimos por “o bem viver”. De acordo com Chantraine (*s.v.*, 1968), o verbo ζῆν (*zên*) significa “ser vivente”, o que nos leva a pensar no ser humano como um animal da natureza, como uma cria dela. Já o verbo βιώναι (*biônai*) significa “viver desta ou daquela maneira, passar sua vida”, o que nos faz refletir sobre o modo de vida do ser humano, embora Chantraine chame a atenção para o fato do substantivo βίος (*bíos*) poder ser traduzido por “maneira de viver” ou “modo de vida” e, algumas vezes, aparecer relacionado também aos animais em geral. Em outro tratado, Plutarco critica o filósofo que não se interessa por medicina, pela saúde física do corpo, conforme lemos a seguir: “Pois és um filósofo por

439B ἀγαθοὶ δ' ἄνδρες ὀνομάζονται καὶ λέγονται μόνον, ὥς ἵποκένταυροι καὶ γίγαντες καὶ κύκλωπες, ἔργον δ' ἄμεμφές εἰς ἀρετὴν καὶ ἀκέραιον οὐκ ἔστιν εὐρεῖν οὐδὲ πάθους ἀκέραιον ἦθος οὐδ' ἄθικτον αἰσχροῦ βίον, ἀλλ' εἰ καὶ τι καλὸν ἢ φύσις αὐτομάτως ἐκφέρει, τοῦτο πολλῶ τῷ ἀλλοτρίῳ, καθάπερ ὕλη καρπὸς ἀγρία καὶ ἀκαθάρτου μὴ γινόμενος, ἐξαμανροῦται; ψάλλειν μανθάνουσιν οἱ ἄνθρωποι καὶ ὀρχεῖσθαι καὶ ἀναγινώσκειν γράμματα καὶ γεωργεῖν καὶ ἱππεῦειν· καὶ τί δεινόν;

439B enquanto os homens nobres se nomeiam e se chamam somente de Centauros⁹, Gigantes¹⁰ e Ciclopes¹¹. Mas uma obra irreprochável, voltada para a virtude e a pureza, não é possível encontrar, nem mesmo um caráter sem mescla da paixão, nem uma vida sem o toque do mal. Mas se, de fato, a natureza produz por si mesma algo belo, este se torna obscuro com algo que lhe é muito alheio, como um grão que se mistura com uma planta selvagem e impura?¹² Os homens aprendem a tocar um instrumento, a dançar,

natureza e não suporta um filósofo que não é um médico amador, também te irritas se pensa que a ele convém observar a geometria, a dialética e a música, porque deseja investigar e aprender *o que há de mal e bom na morada** que é o seu corpo”. (Φιλόσοφος γὰρ εἴ τὴν φύσιν, ὃ Μοσχίων, καὶ τῷ μὴ φιλιastroῦντι χαλεπαίνει φιλοσόφῳ, καὶ ἀγανακτεῖς εἰ μᾶλλον αὐτὸν οἶται προσήκειν γεωμετρίας καὶ διαλεκτικῆς καὶ μουσικῆς ὁρᾶσθαι μεταποιούμενον ἢ ζητεῖν καὶ μανθάνειν βουλούμενον ὅτι τοι ἐν μεγάροις κακὸν τ’ ἀγαθὸν τε τέτυκται τῷ σώματι.) (*Preceitos de saúde*, 122D). *(Homero, *Odisseia*, IV.92).

9 Os Centauros eram seres meio homem e meio cavalo, com quatro patas de cavalo e dois braços humanos, que comiam carne crua e viviam nas florestas da Tessália. Dentre eles, dois destacavam-se: Quíron e Folo, por serem hospitaleiros, amigos dos homens e não violentos; portanto, é a eles que se referem os que se nomeiam como Centauros. O mais célebre de todos, Quíron era imortal por ser filho de Crono e de Filíra, uma Oceanida, e tinha essa forma porque Crono metamorfoseou-se em cavalo para engendr-la; era o mais famoso também por sua sabedoria, figurava em algumas listas dos Sete Sábios da Grécia antiga e foi responsável pela educação de Aquiles, o grande herói homérico.

10 Seres gerados a partir do sangue escorrido da mutilação causada por Crono em Urano, que os engendrou nas entranhas de Geia. Os Gigantes foram gerados para vingar a morte dos Titãs, que Zeus aprisionara no Tártaro, e cada um deles recebera atributos semelhantes aos dos Deuses Olímpicos para enfrentá-los com as mesmas capacidades. O combate contra os Gigantes, vencido por deuses e heróis, é conhecido por Gigantomaquia.

11 Filhos de Urano e de Geia, irmãos dos Gigantes, pertencem à primeira geração divina. Distinguem-se por terem um só olho no meio da testa, extrema força e habilidade manual. Foram eles que deram o raio, o trovão e o relâmpago para Zeus, como agradecimento por sua libertação do Tártaro; também o elmo invisível a Hades e o tridente a Posídon, sendo que estes presentes possibilitaram a vitória dos deuses contra os Titãs.

12 Em outro tratado, Plutarco repete a ideia da mistura do puro com o selvagem e escreve: “Pois, penso, tais como tantas sementes selvagens, por haver semelhança em seu aspecto e tamanho, estão misturadas com o trigo, há dificuldade em fazer a separação (pois ou não caem pela estreiteza dos seus furos, ou caem juntos pelos furos mais largos), assim a bajulação, porque se mistura com todo tipo de sentimento, todo tipo de movimentação, também de necessidade e hábito da amizade, é difícil de ser distinguida” (*Como distinguir o bajulador do amigo*, 51A). Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2016).

ὑποδεῖσθαι μανθάνουσι περιβάλλεσθαι,
οἶνοχοεῖν διδάσκουσιν ὀψοποιεῖν·

a ler as letras, a trabalhar a terra e a cavalgar;
e o que é impressionante? Eles aprendem a
calçar-se e a vestir-se, e lhes ensinam como
servir o vinho e a preparar seu alimento;

439C ταῦτ' ἄνευ τοῦ μαθεῖν οὐκ ἔστι
χρησίμως ποιεῖν, δι' ὃ δὲ ταῦτα πάντα, τὸ εὖ
βιοῦν, ἀδίδακτον καὶ ἄλογον καὶ ἄτεχνον
καὶ αὐτόματον;

439C não é possível fazer isso proveitosa-
mente sem aprendizado, é por causa dele que
existe tudo isso, que é o bem viver; mas isso
é possível sem aprendizado, sem razão nem
habilidade, de modo espontâneo?

2

2

Ἵν' ἄνθρωποι, τί τὴν ἀρετὴν λέγοντες
ἀδίδακτον εἶναι ποιοῦμεν ἀνύπαρκτον;
εἰ γὰρ ἡ μάθησις γένεσις ἔστιν, ἡ τοῦ
μαθεῖν κώλυσις ἀναίρεσις. καίτοι γ', ὥς
φησιν ὁ Πλάτων, διὰ τὴν τοῦ ποδὸς πρὸς
τὴν λύραν ἀμετρίαν καὶ ἀναρμωστίαν
οὐτ' ἀδελφὸς ἀδελφῷ πολεμεῖ οὔτε φίλος
φίλῳ διαφέρεται οὔτε πόλεις πόλεσι δι'
ἀπεχθείας γινόμεναι τὰ ἔσχατα κακὰ δρῶσί
τε καὶ

Homens, por que, ao afirmarmos que a vir-
tude não pode ser ensinada, nós a tornamos
inexistente? Pois se o aprendizado é a origem
dela, a interdição do aprendizado é a sua
destruição. Contudo, como afirma Platão¹³,
não é pela dissimetria e a desarmonia do
pé na lira que irmão guerreia com irmão,
nem amigo diverge de amigo, nem cidades
tomadas de ódio por outras cidades cometem
e sofrem males

439D πάσχουσιν ὑπ' ἀλλήλων, οὐδὲ
περὶ προσφθίας ἔχει τις εἰπεῖν στάσιν
ἐν πόλει γενομένην, ποτέρως Τελχίνας
ἀναγνωστέον, οὐδ' ἐν οἰκίᾳ διαφορὰν
ἀνδρὸς καὶ γυναικὸς ὑπὲρ κρόκης ἢ
στήμονος· ἀλλ' ὅμως οὐτ' ἂν ἰστὸν οὔτε

439D extremos umas por causa das outras;
nem mesmo pode contar-se sobre a revolta
ocorrida na pólis pela alteração do som de
uma vogal, “Telquinas” deve ser lida dos
dois modos¹⁴, nem que em uma casa tenha
havido divergência entre marido e esposa

13 Plutarco repete esse exemplo em outro tratado: “Todavia, não é por causa da dissimetria do pé na lira, como Platão dizia, que cidades divergem de cidades, amigos de amigos, agem e sofrem do modo mais vergonhoso, mas por desafinação às leis e à justiça” (καίτοι οὐ διὰ τὴν τοῦ ποδὸς πρὸς τὴν λύραν ἀμετρίαν, ὥς Πλάτων ἔλεγε, καὶ πόλεις πόλεσι καὶ φίλοι φίλοις διαφερόμενοι τὰ αἰσχιστα δρῶσι τε καὶ πάσχουσιν, ἀλλὰ διὰ τὴν περὶ τὰ νόμιμα καὶ δίκαια πλημμέλειαν.) (*Da falsa modéstia*, 534E). Plutarco retoma um pensamento expresso por Platão, que escreveu o seguinte: “Mas não é por causa da dissimetria no pé da lira que um irmão guerreia contra irmão e cidades contra cidades com desmedida e desarmonia, causam dissensões ao guerrear e atacar umas às outras, fazem e sofrem males extremos” (ἀλλ' οὐ διὰ τὴν ἐν τῷ ποδὶ πρὸς τὴν λύραν ἀμετρίαν, καὶ ἀδελφὸς ἀδελφῷ καὶ πόλεις πόλεσιν ἀμέτρως καὶ ἀναρμόστως προσφερόμεναι στασιάζουσι καὶ πολεμοῦντες τὰ ἔσχατα δρῶσιν καὶ πάσχουσιν.) (*Clitófon*, 407c-d).

14 Telquines era o nome dado a um dos povos que habitavam a ilha de Rodas. Plutarco grava a palavra Τελχίνας (*Telkhinas*) sem acento, na forma do acusativo masculino plural, para destacar as duas formas de sua pronúncia quanto à vogal tônica, que podia ser “télquines” ou “telquines”.

βιβλίον ἢ λύραν ὃ μὴ μαθὼν μεταχειρίσαιτο, καίπερ εἰς οὐδὲν μέγα βλαβησόμενος, ἀλλ' αἰδεῖται γενέσθαι καταγέλαστος ('ἀμαθίην' γὰρ Ἡράκλειτός φησι 'κρύπτειν ἄμεινον'), οἶκον δὲ καὶ γάμον καὶ πολιτείαν καὶ ἀρχὴν οἶεται καλῶς μεταχειρίσασθαι μὴ παισὶ μαθὼν ὀρθῶς συμφέρεσθαι μὴ γυναικὶ μὴ θεράποντι μὴ πολίτῃ μὴ ἀρχομένῳ μὴ ἄρχοντι; παιδὸς ὁσοφαγοῦντος ὁ Διογένης τῷ παιδαγωγῷ
κόνδυλον ἔδωκεν, ὀρθῶς οὐ τοῦ μὴ μα-

por um fio de tecido ou por sua urdidura; mas, no entanto, quem não aprendeu a manejar um tear, nem um livro ou uma lira, embora isso não lhe cause nenhum grande dano, pelo menos, porque se envergonha de ser ridículo (pois "a ignorância" Heráclito¹⁵ afirma que "é melhor esconder"¹⁶); mas pensa que manejará bem a casa, o casamento, a política e a magistratura, sem sequer ter aprendido corretamente a ser tolerante com a esposa, nem com o escravo, nem com seu concidadão, nem com o comandado, nem com o comandante? Diógenes¹⁷ deu um soco em um pedagogo de um menino que comia muito à mesa, e atribuiu corretamente o erro

439E θόντος ἀλλὰ τοῦ μὴ διδάξαντος τὸ ἀμάρτημα ποιήσας. εἶτα παρονίδος μὲν ἢ κύλικος οὐκ ἔστι κοινωνεῖν ἐπιδεξιῳ, ἂν μὴ μάθῃ τις εὐθὺς ἐκ παίδων ἀρξάμενος, ὥς Ἀριστοφάνης, 'μὴ κιχλίζειν μηδ' ὁσοφαγεῖν μηδ' ἴσχειν τὸ πόδ' ἐπαλλάξ', οἶκου δὲ καὶ πόλεως καὶ γάμου καὶ βίου

439E não ao aprendiz, mas a quem não lho havia ensinado. Então, não é possível usar prato e taça juntos com habilidade, sem que se tenha aprendido direito, a começar da infância; como Aristófanes¹⁸, "não rir demais, nem ser guloso, nem manter os pés cruzados"¹⁹, enquanto é possível ter uma

15 Nascido na cidade de Éfeso, situada na Ásia Menor, Heráclito era um filósofo pré-socrático que influenciou diversos pensadores, entre eles Platão.

16 Fr. 95 D-K, também citado em *Da audição*, 43D: "pois logo nem 'a ignorância é melhor esconder', como afirma Heráclito, mas colocá-la à frente de todos e dela cuidar" (τάχα μὲν γὰρ οὐδ' "ἀμαθίην κρύπτειν ἄμεινον," ὥς φησιν Ἡράκλειτος, ἀλλ' εἰς μέσον τιθέναι καὶ θεραπεύειν). Em outro tratado, faz o seguinte uso do fragmento: "Simônides, o poeta, Sócio Senecião, ao ver um estrangeiro, em um banquete, reclinado, em silêncio, não falando nada, disse: 'homem, se não és tolo, fazes uma coisa sábia, mas se és um sábio, uma tola', pois a 'ignorância é melhor', como afirma Heráclito, 'esconder'" (Σιμωνίδης ὁ ποιητής, ὃ Σόσσιε Σενεκίων, ἐν τινι πότῳ ξένον ἰδὼν κατακείμενον σιωπῇ καὶ μηδενὶ διαλεγόμενον, 'ὦ ἄνθρωπε' εἶπεν, 'εἰ μὲν ἡλίθιος εἶ, σοφὸν πρᾶγμα ποιεῖς· εἰ δὲ σοφός, ἡλίθιον.' ἀμαθίην γὰρ ἄμεινον' ὥς φησιν Ἡράκλειτος 'κρύπτειν'). (*Assuntos de banquete*, 644F).

17 Não sabemos qual Diógenes.

18 Comediógrafo ateniense do século IV a.C., poeta Comédia Antiga.

19 Reprodução deste verso aristofânico: "nem ser guloso, nem rir demais, nem manter dois pés cruzados" (οὐδ' ὁσοφαγεῖν οὐδὲ κιχλίζειν οὐδ' ἴσχειν τὸ πόδ' ἐναλλάξ.) (*Nuvens*, 983). A situação pode levar-nos a imaginar uma situação em que as pernas estão cruzadas ou os pés cruzados em forma de xis. Aristófanes conta que: "Na casa do professor de ginástica, os meninos deviam sentar-se com as pernas esticadas para

καὶ ἀρχῆς κοινωνίαν ἀνέγκλητον ἐνδέχεται γενέσθαι μὴ μαθόντων ὄντινα χρὴ τρόπον ἀλλήλοις συμφέρεσθαι; Ὁ Ἀρίστιππος ἐρωτηθεὶς ὑπὸ τινος ‘πανταχοῦ σὺ ἄρ’ εἴ γελάσας ‘οὐκοῦν’ ἔφη ‘παραπόλλυμι τὸ ναῦλον, εἴ γε πανταχοῦ εἰμι’. τί οὖν; οὐκ ἂν εἴποις καὶ αὐτός εἰ μὴ

participação irrepreensível na casa, na cidade, no casamento, no seu modo de vida e na magistratura, mas sem sequer ter aprendido como precisam comportar-se uns com os outros? Quando Aristipo²⁰ foi indagado por alguém: “ora, tu estás em todos os lugares?”, ele sorriu e disse: “então, estou indo à ruína com a passagem de barco”²¹ se estou em todos os lugares.” Por quê, então? Tu mesmo não poderias me dizer também “se os

439F γίνονται μαθήσει βελτίονες ἄνθρωποι, παραπόλλυται ὁ μισθὸς τῶν παιδαγωγῶν; πρῶτοι γὰρ οὗτοι παραλαμβάνοντες ἐκ γάλακτος, ὥσπερ αἱ τίθται ταῖς χερσὶ τὸ σῶμα πλάττουσιν, οὕτω τὸ ἦθος ρυθμίζουν τοῖς ἔθεσιν εἰς ἵχνος τι πρῶτον ἀρετῆς καθιστάντες. καὶ ὁ Λάκων ἐρωτηθεὶς τί παρέχει παιδαγωγῶν, ‘τὰ καλὰ’ ἔφη ‘τοῖς παισὶν ἡδέα ποιῶ.’ καίτοι τί διδάσκουσιν οἱ παιδαγωγοί;

439F homens não se tornam melhores com o aprendizado, e que o pagamento dos pedagogos os leva à ruína?” Pois eles são os primeiros que os recebem desde a lactância; tal como as amas de leite moldam seus corpos com as mãos²², assim regram seu caráter com os costumes e colocam neles uma marca primeira de virtude. E um lacônio, ao ser indagado sobre o que lhe ofereciam os pedagogos, ele disse: “Faço coisas belas,

frente, para não mostrar nenhuma indecência aos estranhos” (ἐν παιδοτρίβου δὲ καθίζοντας τὸν μηρὸν ἔδει προβαλέσθαι τοὺς παῖδας, ὅπως τοῖς ἐξωθεν μηδὲν δείξειαν ἀπηνέες) (*Nuvenus*, 973-974); do mesmo modo que: “Não mudas teu manto assim da mão esquerda para a direita?” (Οὐ μεταβαλεῖς θοῖμάτιον ὧδ’ ἐπιδέξιας;) (*Aves*, 1568).

20 Não dispomos de mais informações sobre essa personagem.

21 Em grego τὸ ναῦλον (*tò naûlon*) é o nome dado à “passagem de barco”. Foi introduzido no latim como *naulum* e com o mesmo significado, conforme depreendemos deste verso de Juvenal: “é uma loucura, depois de tudo, perder a passagem de barco” (*furor est post omnia perdere naulum*) (*Sátiras*, VII.97), que parece ter sido uma ironia corrente para criticar o valor alto da passagem, usada quando o viajante naufragava, pois perdia seus bens e sua vida.

22 Platão prescreve: “E as [fábulas] que forem escolhidas, persuadiremos as amas e as mães a contar às crianças, e a moldar suas almas com as fábulas muito mais que os seus corpos com as mãos” (τοὺς δ’ ἐγκριθέντας πείσομεν τὰς τροφούς τε καὶ μητέρας λέγειν τοῖς παισίν, καὶ πλάττειν τὰς ψυχὰς αὐτῶν τοῖς μύθοις πολὺ μᾶλλον ἢ τὰ σώματα ταῖς χερσίν) (*República*, 377c). Sobre esse costume, Plutarco aconselha: “Tal como é necessário moldar os membros do corpo dos filhos logo no nascimento, para que eles cresçam eretos e apumados, do mesmo modo, convém regar os costumes dos filhos desde o início” (ὥσπερ γὰρ τὰ μέλη τοῦ σώματος εὐθὺς ἀπὸ γενέσεως πλάττειν τῶν τέκνων ἀναγκαῖόν ἐστιν, ἵνα ταῦτ’ ὀρθὰ καὶ ἀστραβῇ φύηται, τὸν αὐτὸν τρόπον ἐξ ἀρχῆς τὰ τῶν τέκνων ἦθι ρυθμίζειν προσήκει.) (*Da educação das crianças*, 3E). Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015).

κεκυφότας ἐν ταῖς ὁδοῖς περιπατεῖν, ἐνὶ δακτύλῳ

agradáveis às crianças”.²³ Contudo, o que os pedagogos ensinam? A andar com suas cabeças baixas pelos caminhos, a tocar com um só dedo

440A τοῦ ταρίχους ἄψασθαι, δυσὶ τὸν ἰχθῦν σίτον κρέας, οὕτω καθῆσθαι, τὸ ἱμάτιον οὕτως ἀναλαβεῖν.

440A o peixe salgado, mas com os dois o peixe fresco, o pão e as carnes, a sentar-se de tal modo, a trajar o manto de outro modo²⁴.

3

τί οὖν; ὁ λέγων λειχήνος ἱατρικὴν εἶναι καὶ παρωνυχίας, πλευρίτιδος δὲ καὶ πυρετοῦ καὶ φρενίτιδος μὴ εἶναι, τί διαφέρει τοῦ λέγοντος ὅτι τῶν μικρῶν καὶ παιδικῶν καθηκόντων εἰσὶ διδασκαλεῖα καὶ λόγοι καὶ ὑποθήκαι, τῶν δὲ μεγάλων καὶ τελείων ἄλογος τριβὴ καὶ περίπτωσίς ἐστιν; ὥς γὰρ ὁ λέγων ὅτι δεῖ κόπην ἐλαύνειν μαθόντα κυβερνᾶν δὲ καὶ μὴ μαθόντα γελοῖός ἐστιν, οὕτως ὁ μὲν τῶν ἄλλων ἀπολείπων τεχνῶν μάθησιν ἀρετῆς δ' ἀναιρῶν τούναντίον ἔοικε τοῖς Σκύθαις ποιεῖν. ἐκεῖνοι μὲν γάρ, ὥς φησιν, τοὺς οἰκέτας ἐκτυφλοῦσιν ὅπως παραδῶσιν αὐτοῖς, οὗτος δὲ ταῖς δούλαις

3

O que então? Quem diz que a arte médica é apropriada a erupções cutâneas e unhas, mas não à pleurisia, febre ou inflamação do cérebro? Em que difere de quem diz que a escola, as leituras e os conselhos são úteis para deveres insignificantes e infantis, mas que, para grandes e importantes, existem a irracionalidade e o acaso? Pois assim como é ridículo quem afirma que se deve remar antes de aprendê-lo, que se pode pilotar um barco mesmo sem tê-lo aprendido; portanto, quem admite que as outras artes são adquiridas com o aprendizado, mas retira a virtude disso, parece agir de modo contrário aos citas. Pois os

23 De outro modo, Plutarco reproduz essa anedota: “De modo que um pedagogo lacônio não se expressa mal, porque fará a criança sentir prazer com as coisas belas e se envergonhar com as vergonhosas, não há nada melhor que isso nem mais belo fim que mostrar uma educação conveniente a um homem livre” (ὥστε μὴ κακῶς εἰπεῖν τὸν Λάκωνα παιδαγωγόν, ὅτι ποιήσει τὸν παῖδα τοῖς καλοῖς ἡδεσθαι καὶ ἄχθεσθαι τοῖς αἰσχροῖς, οὗ μείζων οὐδέν ἐστιν οὐδὲ κάλλιον ἀποφεῖναι τέλος ἐλευθέρῳ προσηκούσης παιδείας.) (*Da virtude moral*, 452D).

24 Em seu tratado sobre como educar as crianças, Plutarco expressa a preocupação dos antigos com ordenação das mãos na sua alimentação: “Em geral, não é absurdo habituar crianças a receber os alimentos com a mão direita e condená-las, caso estendam a esquerda, e não terem nenhuma preocupação em ouvir palavras exemplares e legítimas?” (τὸ δ' ὅλον πῶς οὐκ ἄτοπον τῇ μὲν δεξιᾷ συνθερίζειν τὰ παιδία δέχεσθαι τὰς τροφάς, κἂν εἰ προτείνειε τὴν ἀριστεράν, ἐπιτιμᾶν, μηδεμίαν δὲ ποιεῖσθαι πρόνοιαν τοῦ λόγων ἐπιδείξιν καὶ νομίμων ἀκούειν;) (*Da educação das crianças*, 3E). Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015). Em outro tratado escreve: “Ensinemos as crianças a calçar sapatos, vestir-se, beber com a mão direita e segurar o pão com a esquerda” (τοὺς δὲ παῖδας καὶ ὑποδεῖσθαι καὶ περιβάλλεσθαι διδάσκομεν καὶ τῇ δεξιᾷ λαμβάνειν τοῦ ὄψου τῇ δ' ἀριστερᾷ κρατεῖν τὸν ἄρτον) (*Da sorte*, 99D).

καὶ ὑπηρέτισι τέχναις

citaz, como ele afirma²⁵, cegam seus escravos para que não lhes retirem a nata do leite²⁶; mas ele concede razão,

440B ὥσπερ ὄμμα τὸν λόγον ἐντιθεὶς τῆς ἀρετῆς ἀφαιρεῖ. καίτοι γ' ὁ στρατηγὸς Ἴφικράτης πρὸς τὸν Χαβρίου Καλλίαν ἐρωτῶντα καὶ λέγοντα 'τίς εἶ; τοξότης; πελταστής; ἱππεύς; ὀπλίτης;,' 'οὐδεὶς' ἔφη 'τούτων ἀλλὰ τούτοις πᾶσιν ὁ ἐπιτάττων.' γελοῖος οὖν ὁ λέγων, ὅτι τοξικὴ καὶ ὀπλιτικὴ καὶ τὸ σφενδονᾶν καὶ τὸ ἱππεύειν διδασκόν

440B como um olho, para as artes subterfugas e auxiliares, enquanto retira a virtude. Embora o estrategista Ificrates²⁷, quando perguntou e afirmou a Cálias, filho de Cabrias²⁸: "Quem és? Arqueiro? Peltasta? Cavaleiro? Hoplita?" Ele disse: "Nenhum desses, mas quem comanda todos eles".²⁹ Portanto, ridículo é quem diz que a arte de usar o arco, ou

25 Referência a Heródoto, historiador, nascido em Halicarnasso, em 420 a.C., e morto em Túrio, em 480 a.C. A ausência de citação direta do nome do autor, como Plutarco faz com os demais neste tratado, pode indicar que o texto herodotiano, ou este episódio em específico, era conhecido por seus alunos, visto que os tratados eram utilizados em suas aulas de Filosofia no sul da Itália e em Roma.

26 Processo que Heródoto narra assim: "E os citas cegam todos os seus escravos por causa do leite que bebem, e o fazem do modo que se segue. Visto que usam canudos, pegam os feitos de ossos, muito semelhantes aos das flautas, e os introduzem na cavidade dos genitais das éguas e sopram com suas bocas, e enquanto uns sopram, outros as ordenham; e contam que eles fazem isso por causa do seguinte: quando as veias da égua recebem o ar, elas ficam cheias e suas tetas jorram o leite. E depois que eles ordenham o leite, eles o vertem em uma vasilha côncava de madeira, e colocam os cegos em volta de cada uma das vasilhas em que batem o leite; e retiram a parte do leite que fica na superfície, que eles acreditam que é a mais valiosa, e depois retiram a outra da parte mais baixa" (Τοὺς δὲ δούλους οἱ Σκύθαι πάντας τυφλοῦσι τοῦ γάλακτος εἵνεκεν τοῦ πίνουσι, ποιῶντες ὥδε. Ἐπεὰν φυσητῆρας λάβωσι ὀστεινοὺς, αὐλοῖσι προσεμφερεστάτους, τούτους ἐσθέντες ἐς τῶν θηλέων ἵππων τὰ ἄρθρα φυσῶσι τοῖσι στόμασι, ἄλλοι δὲ ἄλλων φυσόντων ἀμέλγουσι· φασὶ δὲ τοῦδε εἵνεκα τοῦτο ποιεῖν· τὰς φλέβας πίμπλασθαι φυσωμένας τῆς ἵππου καὶ τὸ οὖθαρ κατίεσθαι. Ἐπεὰν δὲ ἀμέλξωσι τὸ γάλα, ἐσχέαντες ἐς ξύλινα ἀγγεῖα κοῖλα καὶ περιστήσαντες κατὰ τὰ ἀγγεῖα τοὺς τυφλοὺς δονέουσι τὸ γάλα, καὶ τὸ μὲν αὐτοῦ ἐπιστάμενον ἀπαρῶσαντες ἡγήονται εἶναι τιμώτερον, τὸ δ' ὑπὸ ἐπὶ τῷ ἐτέρῳ.) (*Histórias*, IV.2), tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2019). Os citas retiravam a nata que ficava na parte superior e o queijo que se sedimentava no fundo da vasilha.

27 Estrategista ateniense, 419-353 a.C., a quem é atribuída a reforma na infantaria ateniense com a introdução de uma tropa ligeira, os peltastas.

28 Não dispomos de mais informações sobre essas personagens.

29 Com algumas variações, Plutarco cita essas anedotas em dois outros tratados, nos quais registra: "Alguém perguntou a Ificrates, o estrategista, como que o colocando à prova, quem era ele? 'pois não era hoplita, nem arqueiro, nem peltasta'. E ele lhe disse: 'quem faz uso deles e comanda a todos eles'" (Ἡρώτα τις Ἴφικράτην τὸν στρατηγόν, ὥσπερ ἐξελέγχων, τίς ἐστιν; 'οὔτε γὰρ ὀπλίτης οὔτε τοξότης οὔτε πελταστής.' κάκεινος "ὁ τούτοις," ἔφη, "πᾶσιν ἐπιτάττων καὶ χρώμενος.") (*Da sorte*, 99E) e "E um orador perguntou-lhe na Assembleia: 'Quem és que tanto te preocupa? Se cavaleiro, ou hoplita, ou arqueiro, ou peltasta?' Ele disse: 'Nenhum desses, mas quem sabe comandar a todos eles'" (Ῥήτορος δὲ τινος ἐπερωτῶντος αὐτὸν ἐν ἐκκλησίᾳ 'τίς ὢν μέγα φρονεῖς; πότερον ἱππεὺς ἢ ὀπλίτης ἢ τοξότης ἢ πελταστής;,' 'οὐδεὶς' ἔφη 'τούτων, ἀλλ' ὁ πᾶσι τούτοις ἐπιστάμενος ἐπιτάττειν.') (*Ditos de reis e generais*, 187B).

ἔστι, στρατηγική δὲ καὶ τὸ στρατηγεῖν
ὥς ἔτυχε παραγίνεται καὶ οἷς ἔτυχε μὴ
μαθοῦσιν. οὐκοῦν ἐτι γελοιότερος ὁ μόνην
τὴν φρόνησιν μὴ διδακτὴν ἀποφαίνων, ἥς
ἄνευ τῶν ἄλλων τεχνῶν ὄφελος οὐδὲν οὐδ'
ὄνησίς ἐστιν. εἰ δ' ἡγεμῶν αὕτη καὶ κόσμος
οὔσα πασῶν καὶ τάξις εἰς τὸ χρήσιμον ἔκα-

440C στον καθίστησιν, *** αὐτίκα τίς
δείπνου χάρις, ἡσκημένων καὶ μεμαθηκότων
παίδων

‘δαιτρεῦσαι καὶ ὀπτῆσαι καὶ οἰνοχοῆσαι,’
εἰ μὴ διάθεσις μηδὲ τάξις εἴη περὶ τοὺς
διακονοῦντας; ***

de lutar com armadura pesada, ou de mani-
pular a funda, ou de montar um cavalo pode
ser ensinada, mas que a arte da estratégia e
do comando do exército acontece por acaso
e a qualquer um, mesmo sem que as aprenda.
Portanto, é ainda mais ridículo quem pro-
põe que somente a prudência não pode ser
ensinada, sem a qual não há utilidade nem
proveito nas demais artes. Mas se ela é guia
e ornato de todas e estabelece ordem para

440C o que é útil a cada um, ***³⁰ por exem-
plo, que alegria pode-se ter em um banquete,
ainda que os escravos estejam bem treinados
e tenham aprendido

a cortar a carne, assar bem e servir o
vinho,³¹

se não houver disposição nem ordem nos
servidores? ***³²

Referências bibliográficas

ARISTOPHANE. *Les nuées*. Tome I. Texte établi par Vistor Coulon et traduit par Hilaire van Daele. Paris: Les Belles Letres, 1972, p. 142-230.

ARISTOPHANE. *Les oiseux*. Tome III. Texte établi par Vistor Coulon et traduit par Hilaire van Daele. Paris: Les Belles Letres, 1950. p. 23-108.

CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968.

FRAZIER, F. Les miroitements d'une image dans l'œuvre de Plutarque. In: ROSKAM, F.; VAN DER STOCKT, L. (Eds.). *Virtues for the People: Aspects of Plutarchan Ethics*. Leuven, Bélgica: Leuven University Press, 2011. p. 296-326.

HERÓDOTO. *Histórias. Livro IV – Melpômene*. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2019.

30 Lacuna no manuscrito.

31 Homero, *Odisseia*, XV.323.

32 Há discussão se o tratado encerra sua argumentação ou se ocorreu uma lacuna.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e notas de Christian Werner. Apresentação Richard P. Martin. São Paulo: Cosac & Naif, 2014.

JONES, Christopher P. Towards a Chronology of Plutarch's Works. *The Journal of Roman Studies*, v. 56, partes 1 e 2, p. 61-74, 1966.

JUVENAL. *Satires*. Editado e traduzido por Susanna Morton Braund. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

OPSOMER, J. Virtue, Fortune, and Happiness in Theory and Practice. In: ROSKAM, G.; VAN DER STOCKT, L. (Eds.). *Virtues for the People: Aspects of Plutarchan Ethics*. Leuven, Bélgica: Leuven University Press, 2011. p. 151-173.

PLATÃO. *Laches. Protagoras. Meno. Euthydemus*. Traduzido por Walter R. M. Lamb. Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press, 1967.

PLATÃO. *Timaeus, Critis, Cleitophon, Menexenus, Epistles*. Traduzido por R. G. Burry. Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press, 1929.

PLUTARCHI. An virtus doceri possit. In: *Moralia*. Ed. Max Pohlenz. Vol. 3. Teubner: Leipzig, 1972, p. 123-127.

PLUTARCO. *Como distinguir o bajulador do amigo*. Introdução, tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016.

PLUTARCO. *Da educação das crianças*. Introdução, tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

ROSKAM, G. Ambition and Love of Fame in Plutarch's Lives of Agis, Cleomenes, and The Gracchi. *Classical Philology*, v. 106, n. 3, p. 208-225, jul. 2011.

RUSSELL, D. A. On Reading Plutarch's 'Moralia'. *Greece & Rome*, Oct., v. 15, n. 2, p. 130-146, out. 1968.

XENOPHONTOS, A. Περὶ ἀγαθοῦ στρατηγοῦ: Plutarch's Fabius Maximus and the ethics of generalship. *Hermes*, H. 2, p. 160-183, 2012.